

*Para além dos perigosos jogos da ilusão, esconde-se o segredo  
de duas almas gêmeas... e um poder extraordinário.*

TERI BROWN

*Filha*

DA

ILUSÃO





## ANNA VAN HOUSEN TEM UM SEGREDO.

---

Ilusionista talentosa, Anna é assistente de sua mãe, a famosa médium Marguerite Van Housen, em seus shows e sessões espíritas, transitando livremente pelo mundo clandestino dos mágicos e mentalistas da Nova York dos anos 1920.

Como filha ilegítima de Harry Houdini – ou, pelo menos, é o que Marguerite alega –, os passes de mágica não representam um grande desafio para a garota de 16 anos: o truque mais difícil é esconder seus verdadeiros dons da mãe oportunista. Afinal, enquanto os poderes de Marguerite não passam de uma fraude, Anna consegue realmente se comunicar com os mortos, captar os sentimentos das pessoas e prever o futuro.

Porém, à medida que os poderes de Anna vão se intensificando, ela começa a experimentar visões apavorantes que a levam a explorar as habilidades por tanto tempo escondidas. E, quando um jovem enigmático chamado Cole se muda para o apartamento do andar de baixo, apresentando Anna a uma sociedade secreta que estuda pessoas com dons semelhantes aos seus, ela começa a se perguntar se há coisas mais importantes na vida do que guardar segredos.

Mas em quem ela pode, de fato, confiar?

Teri Brown cria, neste fantástico romance histórico, um mundo onde pulsam a magia, a paixão e as tentações da Nova York da Era do Jazz – e as aventuras de uma jovem prestes a se tornar senhora do seu destino.

# FILHA DA ILUSÃO



TERI BROWN

*Filha*

DA

# ILUSÃO

~~~~~  
*Série*

HERDEIROS DA MAGIA

LIVRO 1  
~~~~~

tradução: **HELOÍSA LEAL**

  
valentina

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição

Este livro é totalmente dedicado a meu marido,

Alan L. Brown.

Ninguém poderia cuidar melhor de mim.

Vou amar você para sempre.



Sinto um arrepio na nuca antes mesmo de vê-lo dobrando a esquina. Ele avança na minha direção com seu passo gíngado, balançando o

cassetete, de vez em quando erguendo a aba do boné azul para os transeuntes. Minha coluna se apruma automaticamente e o pulso dispara. Não é à toa que meu medo de policiais já se tornou parte de mim, tanto quanto o castanho de meus olhos.

As leis que proíbem a divinação e outras atividades esotéricas estão ficando cada vez mais rigorosas. Temos permissão para nos apresentarmos como mágicos e mentalistas porque essas atividades são consideradas uma diversão inofensiva. São as sessões privadas que as autoridades não aprovam, mas o dinheiro que ganhamos vale o risco.



O policial acena com a cabeça e eu retribuo o gesto com naturalidade, meus olhos se desviando dele quando passa. Às vezes me esqueço do quanto minha aparência é respeitável agora. Meu *tailleur* verde no estilo Chanel, com seu paletó acinturado e saia midi plissada, não levanta suspeitas (ou sobranceiras) como os trajes de palco espalhafatosos que eu era obrigada a usar nas ocasiões em que o dinheiro andava curto. Depois de alguns momentos, dou um longo suspiro de alívio e diminuo o passo, apreciando a intensa atividade ao meu redor.

Só estou em Nova York há um mês, mas já tive oportunidade de observar que todo mundo age como se estivesse extremamente ocupado. Até mesmo as meninhas em seus calções bufantes e os menininhos em seus trajes de marinheiro parecem ocupados. Secretárias, com seus cortes de cabelo modernos e chapéus cloche justos, caminham apressadas para o trabalho, e de suas bancas os jornaleiros gritam as manchetes como se fossem mudar de uma hora para outra. paro e compro um jornal para minha mãe, que anda obcecada com essa nova mania das palavras cruzadas. Por um momento, o cheiro de dar água na boca das almôndegas de uma carrocinha ali perto quase me faz cair em tentação.

No entanto, antes que possa me decidir, vejo um rapaz caminhando na minha direção. Ele também comprou um jornal, e agora está estudando a primeira página, um vinco de atenção no alto do rosto sério. Mas é seu andar que atrai meu interesse: confiante e senhor de si, cada pé firme e corretamente plantado adiante do outro. Fico tão absorta em observá-lo que não noto que estamos em rota de colisão até ser quase tarde demais. Desvio o corpo do esbarrão no último instante, as mangas de nossos casacos roçando ao passarmos.

– Perdão – diz ele, sem erguer os olhos.

Meu rosto fica vermelho. Pelo menos, ele não me flagrou encarando-o. O que é que eu tenho na cabeça, para ficar olhando boquiaberta desse jeito para um desconhecido no meio da rua! Aos dezesseis anos, seria de esperar que eu fosse mais experiente, ainda mais considerando quanto tempo passo em teatros. Mas a maioria dos homens que conheci estava longe de ser um bom partido. Solto um muxoxo, pensando em Porqueiro, o Magnífico, Billy Zarolho e Lionel, o Menino Lagosta. Longe de ser um bom partido é o eufemismo do século.

Uma sensação de formigamento no estômago me distrai de meus pensamentos. Ela vai se tornando cada vez mais insistente, se espalhando pelo peito e as pernas, e é então que me dou conta de que está acontecendo de novo.

Em público.



Dolorosas estrelas vermelhas irrompem diante de meus olhos e o mundo escurece ao meu redor. Tento alcançar um poste para me equilibrar, esperando que ninguém na rua movimentada perceba. O aroma forte de açúcar queimado invade minhas narinas. Como sempre, o horror de minhas visões é acompanhado pelo cheiro enjoativo de uma loja de doces.

Meu coração palpita na aterrorizada expectativa do que está por vir. As visões nunca são imagens bonitas com final feliz. Quando estou dormindo, posso interpretar esses episódios como pesadelos, mesmo sabendo que não são. Quando estou acordada, sou submetida à excruciante experiência na íntegra.

Seguro-me com força ao poste enquanto flashes elétricos, como uma tempestade de raios a distância, iluminam uma série de imagens. Algumas são claras, outras, nubladas por uma névoa impenetrável. Um clarão revela uma imagem de mim mesma correndo por uma rua escura. Vejo clarões de armazéns vazios se acendendo à minha passagem. É tão real... Sinto minha respiração ofegante e a sensação pegajosa, rastejante do filete de sangue escorrendo por meu rosto. A imagem seguinte é do rosto de minha mãe, os olhos arregalados de pavor, os lábios em feitiço de coração apertados num esforço para não gritar...

– Com licença, senhorita. Sabia que tem uma moeda saindo da sua orelha?

As palavras atravessam o latejar nos meus ouvidos, e a escuridão em minha vista recua quando giro o corpo. A visão é interrompida, mas o sentimento de horror ao que vi ainda dá voltas no meu estômago. De todo modo, o medo faz parte de minha vida desde que me entendo por gente. Visões do futuro não são o único dom paranormal com que fui “agraciada”.

A náusea me sobe pela garganta. Pisco várias vezes, até minha vista voltar ao normal. Meu distraído salvador é baixinho e gorducho, com um bigode de pontas torcidas e um chapéu-coco escuro. Ele aguarda minha resposta com paciência. Engulo em seco duas vezes antes de poder falar.

– Perdão, como disse? – Aperto com mais força a alça da cesta repleta de frutas, legumes e outros produtos que comprei na mercearia. Todo cuidado é pouco.

Ao nosso redor, pedestres seguem caminho sem nos lançar um único olhar. É preciso algo especial para chamar sua atenção, ainda mais nesse emergente bairro da classe trabalhadora, com suas lojas e casas de *brownstone*.

Mostrando um sorriso banguela, meu companheiro estende a mão e tira uma moeda de trás da minha orelha. Alguns passos adiante, um menino pequeno com calças de joelho puído, segurando uma pilha de folhetos, cai na risada.



Começo a compreender, e a tensão em meu pescoço e ombros diminui. Passei a vida inteira na companhia de empresários teatrais e, embora sejam uns tipos sonsos, geralmente não representam nenhum perigo imediato. Qualquer que tenha sido o teor da visão, não teve nada a ver com esse toquinho de gente.

– Obrigada! – agradeço, tirando a moeda com a mão esquerda. Com gestos teatrais, passo a cesta para a outra mão e, sem me interromper, levo a mão direita à sua orelha. – E o senhor, será que já notou que está com uma cebolinha na sua?

Sorrio para o menino, cuja boca forma uma letra O, enquanto puxo um fino e comprido talo de cebolinha da orelha do sujeito.

Seus olhos se arregalam, e ele abre um sorriso de aprovação. Relaxo. A maioria dos mágicos não gosta de mulheres que praticam o ilusionismo. Obviamente, esse homenzinho é uma exceção à regra.

– Espere! Tem mais! – Não querendo ser desbancado, ele estende a mão e começa a puxar lenços de cores vivas da minha outra orelha. Uma pequena multidão vai se formando ao nosso redor, e meu pulso acelera de excitação. Minha mãe diz que sou uma exibicionista, mas prefiro pensar em mim como uma profissional. Além disso, há semanas não faço mágicas na rua. Não combina com a novíssima imagem respeitável que estamos tentando cultivar.

– Maravilhoso – digo a ele, tirando os lenços e amassando-os numa bola compacta. Pisco para as pessoas que se reúnem ao nosso redor. – Estava procurando por eles.

Eles riem em tom de apreciação. Num gesto súbito, abro os dedos diante do rosto do homem. Ouvem-se exclamações e aplausos esparsos, quando o público se dá conta de que os lenços desapareceram.

– Ei! – protesta o homem, bem-humorado. – Eles eram meus.

– Desculpe. – Coloco a cesta a meus pés para poder ficar com as duas mãos livres. Agora estou *realmente* me exibindo, mas me apresentar para uma plateia é tão divertido que não posso resistir. – Será que o senhor gostaria disso aqui em troca? – Retiro três braceletes do pulso esquerdo. Foram feitos especialmente para mim por um prateiro de Boston e, junto com meu baralho e o canivete borboleta, nunca saio de casa sem eles na bolsa. Exibindo-os com destreza entre os dedos, faço malabarismos por alguns segundos para mostrar a todos que são três aros separados. Em seguida, apanho um de cada vez com a mesma mão e os aperto juntos. Momentos depois, eu os exibo, e os circunstantes soltam exclamações. Os braceletes agora estão encadeados como os elos de uma corrente.

O homem levanta as mãos, rindo:

– Desisto, a senhorita venceu!

O menino abre caminho com agilidade por entre a multidão que se dispersa, distribuindo folhetos.

Recoloco os braceletes e retiro a bola de lenços da cesta onde os escondi.

– Procurando por isso? – pergunto.

Ele apanha os lenços e os enfia no bolso traseiro das calças largas.

– A senhorita é muito talentosa... para uma mulher.

– Obrigada – respondo, ignorando o adendo. Se eu fosse discutir com cada mágico que já fez um comentário depreciativo sobre meu sexo, nunca teria tempo de fazer ilusionismo. Prefiro dar uma lição a eles no palco, que é o que realmente importa. – Minha mãe e eu vamos estrear amanhã à noite no Newmark Theater.

– Supimpa! Imagino que seja um show de mágica?

Sinto uma vaga sensação de desconforto. Gostaria que fosse apenas um show de mágica.

– Eu faço um pouco de mágica no show, mas minha mãe é mentalista. A maior parte do tempo, sou apenas sua assistente. Se quiser vir, vou mandar deixarem alguns ingressos separados para o senhor na bilheteria. Basta dizer a eles que Anna Van Housen o mandou. – Meneio a cabeça indicando o menino: – Vou deixar um para ele também.

– Seria magnífico! Meu nome é Ezio Trieste. – Ele estende uma mão suja, e eu a aperto com firmeza. – Quem sabe a senhorita e sua mãe não teriam interesse em assistir a esse show domingo à noite? Dante! – grita ele para o menino que ainda distribui folhetos a qualquer um que estenda a mão. – Dê um para a moça.

Aceito o papel oferecido com um sorriso, e devolvo a moeda ao homem.

Dou uma olhada no folheto e tudo a meu redor escurece quando leio o cabeçalho:

## **SERÁ QUE OS ESPÍRITOS EXISTEM? HOUDINI DIZ QUE NÃO, E PROVA!**

– Obrigada – sussurro e dou as costas, obrigando minhas pernas pesadas a se moverem. O zumbido em meus ouvidos abafa o som dos automóveis na rua enquanto caminho depressa pela calçada. Depois de meio quarteirão, diminuo o passo, para então amassar o papel em minha mão. Atirando-o na sarjeta, paro e respiro pausadamente. Os olhos penetrantes de minha mãe veem tudo, e a última coisa de que preciso é que ela descubra que Houdini voltou para Nova York.

**Como explicar**  
*que seus olhos vejam*  
**o que ninguém**  
*deveria ver?*

“Eu poderia me estender sobre os pontos fortes do livro — a magia, o mistério, a primorosa reconstituição de época —, mas o essencial é o seguinte: *Filha da Ilusão* é o romance mais fascinante que li este ano.”

**Lauren Baratz-Logsted**

“Os leitores jamais se esquecerão da graça e da coragem de Anna Van Housen.”

**Carrie Jones**

“Teri Brown criou um mundo de ilusões e trapagens, romances e intrigas. *Filha da Ilusão* coloca o leitor face a face com o lado negro da magia.”

**Melissa C. Walker**